

Mentiras razoáveis para uma convivência possível.

TEXTO DE MARCELA ANDRADE

Personagens:

O homem que ficou com a mala. Quem levou a mala. Quem carrega a tal memória.

A mulher que resiste. Quem resistiu. Imóvel no passado, fala, nada fez.

A mulher que observa. Quem está no presente. Está ao lado sem tocar.

1 - PORTO ALEGRE. EM UM TEMPO.

A mulher que resiste: Saída. Fim. Ele vai. Ele a deixou, mas o verbo não pode ser deixar. Não é tão simples, num verbo só. O verbo é deixar mais variações de ações necessárias, voluntárias ou não. Também não é perder – o verbo – não é. É mentira deixar e perder. Naquela noite – ou quase dia, tanto faz, não importam mais os detalhes do tempo – é mentira, importa – mas importa menos que a ação de sair pela porta e ter o vento como cúmplice. Naquele instante, foi o vento quem bateu, quem fechou, quem separou. Foi o vento, ajuda definitiva para essa história existir. **(o homem que ficou com a mala entra)** Ele vai. Com a mala. Ainda olha para trás para ver a marca dos passos no chão, é uma forma de se orientar ainda, precisa saber onde está, precisa voltar se quiser, ele tem coisas, casa, pessoas. **(pausa)** Na tensão entre o querer ficar e a necessidade de se perder, ele dança com as marcas.

Ele larga a mala e os dois dançam juntos. A mulher que resiste quase consegue inteiramente resistir.

A mulher que observa entra e observa o público.

O homem que ficou com a mala interrompe a dança e a observa.

O homem que ficou com a mala: Ela tem 52 anos. Eu a conheci agora. Ela não quis falar de casal, de amor, de despedida de casal. Ela acha que não quer

falar sobre isso. Ela só pode falar do quanto se morre em sequência para se manter uma relação. Ela gosta de presente que acaba. Tipo doce. Chocolate acaba. Ela observa. Ela desconfia. Tenho vontade de perguntar: quando a desconfiança acaba? Mas não pergunto, apenas a observo de volta, como se lhe desse beijo sem resistência alguma.

A mulher que observa: No teatro, é o espectador quem observa.

O homem que ficou com a mala: No teatro?

A mulher que observa: Na vida. Há sempre alguém que observa. Na vida.

O homem que ficou com a mala: Você é espectadora de quem? De mim? É você quem vai observar e contar ou observar e agir. Vai intervir e alterar e modificar e desconstruir. Você me parece capaz de me dar seu olhar e seus olhos são verdadeiros. O teatro é de mentira, mas pode ser uma mentira razoável. E, sim, o teatro é uma convivência possível.

A mulher que observa: No berçário há alguém que observa, no berço há alguém que observa, no quarto, no supermercado, no banheiro. Quando alguém chora num ônibus, por mais lotado que esteja, por mais que estejam os óculos na frente, por menos músculos que se mexam, há sempre alguém que observa.

A mulher que resiste, nesse momento, resiste a chorar.

2 — Poderia ser um encontro

A mulher que observa: Oi. Você. Você quer alguma ajuda?

O homem que ficou com a mala: Não, obrigado. Desculpa o barulho. A discussão. Ela fala muito. Ela sempre fala muito. Ela coloca em palavras todos seus processos mentais.

A mulher que observa: Eu não ouvi nada. Só estou te vendo, aqui, agora, com uma mala.

A mulher que resiste (*fuma*): Ele levou a mala.

O homem que ficou com a mala: Bebe água.

A mulher que resiste (*fuma*): O quê?

A mulher que observa: Ele está pedindo para cuidar de você. Ele quer te ajudar.

A mulher que resiste (*fuma. chora. ou quase.*): Pra você cuidar?

O homem que ficou com a mala: O cigarro... Sua garganta. Sua voz. Seu cheiro. Seu prazer. Sua raiva. Enfim... Beba água!

A mulher que observa: PORTO ALEGRE – 1992 - Quando você saiu, o que ela sentiu? Ela quis guardar pedaços, objetos, pedaços?

O homem que ficou com a mala: Há sempre alguém que olha, que observa, que testemunha. Um fotógrafo de guerra testemunha, eterniza, talvez chore ao ver a bomba explodindo no corpo de uma criança, talvez corra, talvez não haja tempo. Um frentista noturno é capaz de testemunhar um assassinato, é capaz de ligar, é capaz de lembrar, talvez um dia na vida ele esqueça... Talvez, um dia, na vida, um fotógrafo de guerra desapegado à sua obra talvez um dia esqueça o que seus olhos viram e sua lente testemunhou. Talvez perca. É simples. A fotografia é só um pedaço do tempo que ele roubou. A memória é só um pedaço da vida que eu roubei e não sei onde guardei.

A mulher que resiste: Leva tudo. Eu não quero nada. Eu não sei guardar.

Transformação do espaço. Desconfiguração. Quando alguém parte, é preciso se despir dos detalhes do espaço.

3 - RIO DE JANEIRO. 2017. Mais um tempo que resiste.

O homem que ficou com a mala: Mudança. Há possíveis papéis, caixas, contas, haverá burocracia, serão visitados cartório, banco, correio. Há tanto. Há excesso. Ainda é preciso se lembrar do afeto, percebê-lo, senti-lo. Afeto bom, calmo. Cria-se afeto pelo novo espaço, por menor que ele seja, por mais caro, por mais quente, ou frio, ou sem cor. Cria-se afeto pelos objetos trazidos; pelos objetos deixados, a saudade. Há capacidades e incapacidades. Eu quero gritar.

A mulher que observa: O que é que houve naquele dia?

O homem que ficou com a mala: Hoje?

A mulher que observa: No dia. Da partida.

O homem que ficou com a mala: Naquele dia, sei lá... Não houve palavra final.

A mulher que resiste: De despedida?

A mulher que observa: Palavra de despedida?

A mulher que resiste: Que merda.

O homem que ficou com a mala: Ela falou muito, ela sempre falou muito.

A mulher que resiste: A porta bateu com uma violência...

A mulher que observa: Que porta?

A mulher que resiste: Precisava?

O homem que ficou com a mala: Foi o vento.

A mulher que resiste se levanta. Recompõe-se. Ações possíveis: lava o rosto, a nuca, os cabelos. Liga o secador.

A mulher que observa: Que porta?

O homem que ficou com a mala: De um apartamento. Em Porto Alegre. Não lembro a cor da porta. Não lembro o barulho que o vento foi capaz de fazer pra vencer, mas lembro o tamanho do som que a mão dela fazia ao esmurrar a porta: talvez a soma dos socos seja equivalente ao som interno, audível pra mim, da minha decisão de sair.

A mulher que observa: É mentira.

O homem que ficou com a mala: Talvez seja. Menor. Sim. O som do aspirador foi maior. Eu ouvi da rua. Madrugada e um aspirador com fúria suficiente para acordar o mundo. ***(A mulher que resiste seca seu cabelo. Ele***

fala para ela) Desculpa a bagunça que eu fiz na tua casa, na tua vida, no teu cabelo!

A mulher que observa: Porto Alegre, de madrugada, chega a 3 graus negativos.

O homem que ficou com a mala: Era inverno?

A mulher que resiste desliga o secador.

A mulher que observa: No inverno é impossível abrir a janela, deitar nu, dormir.

O homem que ficou com a mala: Bebe água. Você tem bebido muito café... De madrugada faz frio, mas de madrugada o sono foge... Com tanto café. Ele e a nicotina fazem uma combinação altamente prazerosa e, eu sei, abandonar o prazer... Eu sei...

A mulher que resiste: Tem coisas que só a madrugada proíbe.

O homem que ficou com a mala: Cabelo molhado.

A mulher que resiste: Ou permite.

O homem que ficou com a mala: Faz frio. A colcha vermelha mancha se for à máquina junto com as outras roupas. O cabelo molha a cama, o travesseiro, o seu lado ficará marcado. Cuidado.

A mulher que resiste: O cabelo molhado e a colcha, se um dia se encontram, mancham o lençol. Depois tudo seca. A mancha, o pano, o gozo, a paixão.

A mulher que observa beija violentamente o homem que ficou com a mala. A mulher que resiste tenta fazer com que seus olhos resistam junto. Eles não se fecham e ela sai para não voltar mais.

4 - COPACABANA. 2017 e um tempo mínimo a mais.

O homem que ficou com a mala: A cama nova é de casal. Tem que ser apesar do apartamento ser um ovo. O Rio de Janeiro assalta. É pequeno, tem que ser pequeno, mas a cama não pode ser.

A mulher que observa (*de lingerie, à vontade naquele apartamento*): Que cama?

O homem que ficou com a mala: A que vão entregar. Ela não existe, mas vai existir.

A mulher que observa: Vai? Aqui? O espaço é medíocre. A porta é medíocre. Ela vai passar por qual porta?

O homem que ficou com a mala: Outra porta. A que está aberta na cozinha. Imagina. Faz um esforço. Os entregadores sempre fazem, se esforçam, dão um jeito, sempre dão. Inclina, apertam, amassam, mas a cama passa, entra, habita. E tem que ser de casal porque... Eu vou me esparramar, vou dormir atravessado.

A mulher que observa: Ah. Só você.

O homem que ficou com a mala ri com timidez.

A mulher que observa: Achei bom te ver dormindo no chão.

O homem que ficou com a mala: Por quê?

A mulher que observa: Sei lá. Tesão. Você no chão, esse edredom que não é bem azul.

O homem que ficou com a mala: Você não quis deitar?

A mulher que observa: Não havia espaço.

O homem que ficou com a mala: Eu me espalhei muito? O edredom é pequeno. Me desculpa o excesso de... sei lá. Mediocridade. Não foi isso que você falou?

A mulher que observa: Não precisa se desculpar. Eu tomei banho. Lavei o cabelo. Coloquei uma roupa pra dormir. Eu podia ter desenrolado a toalha. Ter deixado os cabelos livres, mesmos molhados. Eu podia ter desenrolado a toalha e estendido no chão. Eu deitava nela, bem perto de você.

O homem que ficou com a mala: Mas você não deitou.

A mulher que observa: Olhar é excitante.

O homem que ficou com a mala: Eu sei.

A mulher que observa: Eu sei que você sabe.

O homem que ficou com a mala: Por quê?

A mulher que observa (*com raiva*): Para de olhar pra ela!

O homem que ficou com a mala: Do que é que você está falando.

Barulho da água do chuveiro ligado.

A mulher que observa: Quem está tomando banho?

O homem que ficou com a mala: Você! Você deixou o chuveiro ligado! Você se vestiu sem se secar. A gente se amou nesse chão sujo, a gente fodeu fora do edredom, desculpa, eu me espalho, desculpa, eu não estou mais acostumado a dormir acompanhado, eu... Eu me acostumei à diagonal. Eu deito na diagonal. Eu não preciso de ninguém ao meu lado.

Barulho do secador de cabelo.

A mulher que observa dobra e arruma toda roupa de cama espalhada pelo chão. Ao terminar, ela o observa com seriedade.

Silêncio na casa.

A mulher que observa: A gente não fodeu. A gente mal se enxerga. Não existe amor.

O homem que ficou com a mala: Existiu.

A mulher que observa: Deixa ela entrar!

O homem que ficou com a mala: Não tem ninguém atrás da porta!

A mulher que observa: Tem! Eu enxergo. Sou eu quem enxerga, quem olha, quem entende que as coisas existem independente da visão alheia, independente dos desejos que não são os meus, os seus, os dela. Ela está na porta. Ela quer entrar. Ela te trouxe um travesseiro! Pra completar a cama que

vai entrar pela cozinha. No travesseiro tem uma mancha amarela. Não é vermelha nem é bem azul. É só amarela. É feia. A mancha envelhece e o tecido enrugando de raiva da vida.

O homem que ficou com a mala tenta beijá-la.

A mulher que observa: A campainha.

5 — Lugar algum, quase agora.

O homem que ficou com a mala: Eu poderia te amar. Agora. Poderia te amar se a cama chegasse, se a porta existisse, se você deitasse. Eu poderia te amar nesse instante em que não há vento, apesar da janela aberta, apesar de eu não abrir a porta... Havia porta, e eu demorei a sair, apesar dos gritos e risadas e, eu poderia... O vento bateu a porta com menos violência do que eu bateria. Sorte a nossa, então. *(Ele respira)* Não faço idéia de como vão seus dentes. Quero dizer, seu sorriso. Os dentes, por conta do cigarro. Não faço idéia de como vão seus dentes e de como vou ouvir sua voz. Alô. Alô. Alô! Deixa de ser criança! Atende! Atende! Abre a porra da sua vida! *(pausa)* Eu ensaio essa ligação, mas não sou capaz de abrir qualquer telefone, tela, buraco... Sou incapaz de te ligar, desculpa. Sua voz é um mistério e já faz vinte e cinco anos que tento ouvir qualquer boa noite, qualquer bom dia. Minha boca está seca, não quero água, meus ouvidos... Eu não lembro a música que mais tocava em noventa e dois. *(pausa)* Porto alegre é muito frio no inverno e faz muito sol no verão. Não lido bem com suas extremidades. Prefiro esse calor infernal do Rio. Sua constância me acalma. Não que seja bom, longe disso, mas acalma. É franco. É honesto. Fica quem quer ficar. Ou quem precisa ficar. *(pausa)* Terei que partir. Trabalho, sim, terei que partir por trabalho. Burocracias de sobrevivência. Terei que me mudar. *(ri)* É... De novo. *(pausa)* Eu poderia te amar. Ainda. Poderia te amar se tivéssemos bebido mais juntos, fumado mais juntos, se tivéssemos trepado mais numa única maldita noite de inverno numa única e maldita cidade de temperatura bipolar. Porra! Pára! Não me liga! Não me perturba! Não me machuca! Desaparece! Não me esqueça! *(silêncio. Ele guarda as roupas de cama na mala)* Ela disse que no teatro é a platéia quem observa. Há sempre alguém que observa. Há sempre alguém que chora num

ônibus apesar dos óculos tentarem disfarçar. Eu poderia ter tocado ela com afeto. Alô. Alô. Alô! *(Ele respira)* Eu poderia ter ligado no dia seguinte. Poderia ter dito eu te adoro com afeto. Com amor, não. Pisar nesse chão... Deitar nesse chão com amor, nesse chão cheio de marcas, de passos e de danças. Com amor, no meu corpo... Agora, entenda, não liguei. Não deu. Tô meio à deriva e tenho que ir embora. *(ri)* É... De novo. *(ri)* É, eu ensaio. Eu vou te ligar... Eu ensaio e no teatro é o espectador que observa. Eu ajo. Mantenho a constância, apesar de não ter vento.

(O Homem, com a mala, sai).